

Março de 2009

Arte Cênica: Análise crítica de uma prática pedagógica - Da sala de aula ao palco

Elizabeth Caruso*

Na tentativa de aliar uma prática pedagógica adequada para o ensino e aprendizagem em teatro acontecer de maneira produtora, o trabalho de pesquisa foi desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo.

O trabalho teve como base os pressupostos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 que está em vigor até hoje, onde sugere:

- Utilizar a linguagem artística para trabalhar diversas áreas de conhecimento.
- Utilizar a linguagem artística para integrar-se no processo de transformação cultural.
- Desenvolver o sentido de visão crítica e de socialização.

Essa experiência-pesquisa do tipo participativa ocorreu com alunos e ex-alunos e serviu tanto como reflexão do grupo de alunos participantes como também da professora sobre a sua própria prática como educadora.

Em busca de uma metodologia para o trabalho em teatro, foi tomado como parâmetro o ensino tradicional que conforme Saviani (2005), no intelectualismo pedagógico, assim conhecido, o aluno vem para a escola sem saber o que pensar. Ele é um espaço vazio a ser preenchido por conteúdos e o lugar físico, escola, é o lugar que concentra todos os saberes necessários para ele.

A análise do conceito de ensino tradicional além de ser estudada por mestres da Educação como Saviani, foi aplicada em minha própria formação, por isso parti dos princípios da linha tradicional para tentar trabalhar com meus alunos um tipo de metodologia que pudesse atendê-los melhor na apreensão dos conhecimentos de Artes Cênicas, tanto em sala de aula como também na prática de teatro, chegando até a uma metodologia centrada na igualdade dos homens, indo além dos métodos tradicionais, assim propostos por Saviani (1994 p.79):

Portanto serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica do conhecimento.

Neste método a avaliação faz parte da aprendizagem, pois, sendo elemento de diálogo é vista em duas dimensões: a da ação e a da reflexão, onde educando e educador, utilizam a auto-avaliação permitindo uma práxis verdadeira que consiste em transmitir o mundo e em transformá-lo, assim como para Freire (2003 p. 29): “... nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se

Março de 2009

transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igual sujeito do processo”.

Nesta prática o ato de incorporar a realidade e incorporá-la estabelece uma relação entre problemas e soluções, inseridos nas suas condições de vida, contextualizados em situações concretas e o aluno, cada vez mais, se torna capaz de intervir na realidade.

O diálogo é o principal elemento deste método, pois, quando se tem liberdade de questionamentos a realidade pode ser reavaliada a fim de alterá-la.

A discussão resulta em criatividade que, por sua vez, resulta em aprendizagem. O educando tem o seu saber e esse saber deve ser explorado, também estimula o aluno a se interessar pelo ato de pesquisar e a sentir prazer em adquirir conhecimento por si mesmo, tornando-o solidário e querendo que os outros também sintam o mesmo prazer, facilitando o trabalho em grupo numa prática de solução de problemas. Conforme Parra (2002, p. 39), além de contribuir para a socialização, “... o trabalho em grupo é decisivo no desenvolvimento intelectual do ser humano”.

O trabalho em grupo é também essencial para a elaboração de uma produção na linguagem cênica.

Esse método consiste em três etapas, sendo a primeira delas desenvolvida através de jogos, para expor o iniciante à experiência teatral.

Para Spollin (2003), o ambiente do jogo permite ao indivíduo o envolvimento intelectual, físico e intuitivo expondo o jogador à experiência teatral, colocando sua espontaneidade para trabalhar criando cenas através de objetos imaginários, personagens e ambientes cênicos.

O jogo de improvisação propõe problemas para solucionar problemas, a descoberta dos limites do indivíduo e a liberdade para sua superação acontecem de maneira prática, portanto, logo transferida para o seu cotidiano.

Na segunda etapa, desenvolvendo a linguagem cênica, usamos ativamente textos da história do teatro para que o aluno extraia informações para sua prática de encenação.

Assim o aluno é estimulado a estudar diversos conteúdos de seu interesse através da linguagem do teatro entendendo assim o processo da encenação.

Na terceira etapa, os alunos tendo como base os elementos da dramaturgia criam um texto dramático e o produzem em forma de espetáculo, mostrando como resultado o uso da linguagem teatral como meio de comunicar o que o aluno entende por importante para transformar o meio em que vive.

Assim como na prática dessa experiência, a proposta metodológica da pesquisa foi a “Partipante”, que com um novo método de investigação onde todos atuam, educador e educando são sujeitos de um mesmo trabalho em comum, ainda que com situações e tarefas diferentes, envolvidos

Março de 2009

e compromissados, conhecem de perto a realidade para poder transformá-la, conforme Oliveira (1999, p. 29): “... essa técnica, concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa”.

Usando a técnica de entrevista livre e indo ao encontro das falas dos atores, aconteceram duas oficinas para fazermos reflexões de nosso estudo, discussão essa que contribuiu para coleta de dados, que relacionando as falas dos participantes com meu trabalho de dissertação, percebi que o trabalho do profissional é experimentado em sala de aula conforme os PCN's; que a contextualização dos textos trabalhados, torna-se prática do dia a dia, que quando se colocam no lugar do outro, se tem a liberdade de se expressar minimizando suas dificuldades e que através do diálogo o próprio aluno diz como deve ser o próximo passo do programa do curso, foco central da pedagogia de Freire (2003).

As discussões ocorreram informalmente assim como acontecia em nossas aulas e serviu como auto-avaliação para todos nós e importante para mais uma etapa de aprendizado.

O meu trabalho não encerra aqui, pois, essa pesquisa tornou-se parte integrante de minha metodologia em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para transformá-la. In: *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- PARRA, Nélio. *Caminhos do ensino*. São Paulo, Pioneira, 2002.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. Campinas, S. P. Mercado de letras, 1994.
- SAVIANI, Demerval. *Educação brasileira. Estrutura e sistema*. Campinas, S. P. Mercado de letras, 2005.
- SPOLLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Perspectiva, 2003.

* Elizabeth Caruso é graduada em Educação Artística com habilitação em artes cênicas pela faculdade de Belas Artes de São Paulo e Mestre em Educação pela Universidade Bandeirante de São Paulo e atua como docente de Artes no IFSP – Campus Sertãozinho.bethcaruso@uol.com.br